

Imagen do país melhorou

São Paulo — No final de setembro, a Petrobras foi ao mercado internacional, auxiliada pelo Chase Manhattan, para captar US\$ 250 milhões, metade com vencimento de cinco anos e o restante em dez anos. A procura pelos papéis de prazo mais longo foi tão alta que a venda daquela parte dobrou. A estatal conseguiu US\$ 375 milhões, e se quisesse, poderia ter obtido US\$ 500 milhões.

O feito da Petrobras, citado pelo diretor financeiro, Orlando Galvão, é visto pelos grandes bancos de investimento e economistas como emblemático. Se a emissão tivesse ocorrido em julho, certamente ficaria mais cara. Pela parte de cinco anos, a estatal pagou 2,5% acima dos títulos do Tesouro norte-americano de mesmo prazo. Na captação com vencimento de dez anos, o custo ficou em 3,5% acima do papel norte-americano. Teria havido uma queda, em 60 dias, de quase um terço dos juros cobrados pelos credores.

O que mudou? "O País melhorou

com o Plano Real, e os aplicadores e os fundos de investimentos, vêm percebendo que a precaução contra riscos pode cair", explica José Júlio Senna, ex-diretor do BC.

"Há um sentimento muito favorável em relação ao Brasil. A economia está andando bem, a inflação vem sendo controlada. Tudo isso aumenta o interesse de fábricas estrangeiras em aplicarem recursos no país. As perspectivas são as melhores dos últimos anos", comenta Ignácio Sosa, um dos principais executivos em mercados emergentes do mundo, que atua na sede do Banco de Boston nos EUA.

Kurt Pickle, representante do SBC Warburg no Brasil, um dos dois bancos que serão fiadores do lançamento de *global bonds* pelo Brasil, diz que o governo terá uma boa chance de mostrar "sua imagem real" aos investidores.

"Essa captação simultânea, em quatro países diferentes, deverá consolidar as boas informações que nós conhecemos sobre a economia para o público especializado". (RL)